

ÉTHOS E PÁTHOS NA HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA PORTUGUESA: A BIOGRAFIA DE CAMÕES POR TEÓFILO BRAGA À LUZ DOS CONCEITOS DE *HISTORIA ORNATA E MAGISTRA VITAE*

Marcello Peres Zanfra¹

RESUMO: Este artigo investiga a influência da retórica clássica para a biografia de Camões por Teófilo Braga. Demonstraremos que o estudioso, a “plenitude historiográfica oitocentista”, isto é, totalmente integrado aos princípios historicistas do século XIX, também manifesta conceitos métodos da retórica antiga. Neste texto, Braga manifesta, pois, perspectivas retórico-historiográficas básicas para a *Retórica*, de Aristóteles, para *O Orador*, de Cícero, e para *Retórica a Herénio*, a ele atribuída. Com efeito, seja na publicação inicial para celebrar o terceiro centenário da morte de Camões, seja na sua reinserção em *História da literatura portuguesa – Renascença*, seus critérios ecoam diretamente os princípios de *magistra vitae* e *historia ornata*, isto é, a historiografia como um guia moral e social, que, para funcionar, necessitaria de ornamentação. Defendemos que esses princípios chegam a Teófilo Braga pela intermediação do século XVII, em Portugal, que testemunhou largamente o gênero antigo das *vitae*. Assim, apesar de uma terminologia do século XIX, Braga apresentaria uma *vita camoniana* moldada pelos princípios da retórica e da historiografia clássicas, elaborando um perfil inspirador e acessível para resgatar um povo supostamente distante de sua identidade. Ademais, apontaremos duas singularidades dessa versão em relação à prática seiscentista: a associação do poeta com a nacionalidade e um processo de humanização de sua figura, em vez da edificação de um monumento inatingível. Humanização essa que se apoiaria em uma lógica também central

¹ Professor de Língua e Literatura Latina da Universidade Federal Fluminense.

para a retórica clássica, mas que Braga alinha a um suposto éthos geral português, sublimado pelo poeta: uso do páthos para *commouere*.

PALAVRAS-CHAVE: retórica; recepção; historiografia literária; Camões; Teófilo Braga.

Teófilo Braga e a historiografia literária portuguesa no século XIX: os limites para a científicização do narrar e seus pontos de contato com a retórica clássica ciceroniana

Quando colocadas em discussão as semelhanças e diferenças entre a História e a Literatura, é quase inevitável recorrer à Poética para recordar que o historiador e o poeta não diferem pela métrica empregada, mas pela matéria que imitam:

[...] a tarefa do poeta não é a de dizer o que de fato ocorreu, mas o que é possível e poderia ter ocorrido segundo a verossimilhança ou a necessidade. [...] um [o historiador] se refere aos eventos que de fato ocorreram, enquanto o outro aos que poderiam ter ocorrido. Eis porque a poesia é mais filosófica e mais nobre do que a história: a poesia se refere; de preferência, ao universal; a história ao particular (Aristóteles, *Poética*, 1451a 38 –1451b 10).²

Aparentemente, tratar-se-iam de duas artes dotadas de compromissos e, consequentemente, de métodos distintos, considerando as diferenças entre o verossímil e o verdadeiro, entre o singular e o universal que Aristóteles desenha. Todavia, parece mais coerente que interpretemos essa diferenciação como um *continuum*, pois, mesmo entre os antigos, e, especialmente, entre os latinos, a historiografia passa a desenvolver uma estreita conexão com algo a que podemos, em alguma medida, considerar “universalidade”, contanto que respeitemos a fluidez histórica que marca tão abstrato conceito. Dito de outra forma, para os romanos,

² Tradução de Paulo Pinheiro, 2017, p. 44-45.

a historiografia detém um potencial pedagógico, isto é, capaz de instruir o grupo social: assim, quando Salústio escreve uma monografia histórica sobre a fracassada conjuração de Catilina, por exemplo, a fim de traçar um educativo panorama da decadência social e moral romana, há um movimento que, intencionalmente, torna mais porosa a fronteira entre o particular e o geral.

Outrossim, seria possível intuir que, quando a historiografia se ocupasse da literatura, nasceria um discurso particular, técnico e objetivo perante ela. Embora, em alguma medida, essa tenha sido a intenção observada em um sem-número de ocorrências, mormente do Oitocentos em diante, podemos demonstrar que a ideia de um *continuum*, que propusemos antes para a Antiguidade, é também frutífera para outros momentos, tais como aquele que será abordado neste artigo: a biografia de Camões produzida por Teófilo Braga, em teoria, autor que representaria a plenitude do modelo historiográfico oitocentista (Souza, 2006, p. 133).

Aprofundemo-nos nessas questões. Roberto Acízelo de Souza, em sua “Nota preliminar”, assim define o campo da historiografia literária: uma organização cronológica da história da literatura de um país, que é regida por dois princípios, *etiologya* (exploração das origens) e *teleologia* (encaminhamento para um objetivo ou destino), ambas sob uma perspectiva nacionalista e evolucionista, a qual teria se consolidado no século XIX (Souza, 2015, p. 14). Ainda segundo o autor, o Oitocentos teria testemunhado, justamente, o auge do historicismo, isto é, a interpretação de que tudo que existe carrega uma história e a de que as coisas são sua própria história, de forma que, para conhecer algo, seria necessário assenhorear-se dessa trajetória como indivíduo, mas, principalmente, como nação, associada às suas produções literárias e culturais (Souza, 2015, p. 14).

Trazendo o embate aristotélico ao século XIX, podemos concluir que, apesar de a prática historiográfica buscar apoiar-se em evidências que deveriam subsidiar a narrativa objetivamente, tal perspectiva nacionalista, preocupada com o *wolksgeist*

– o “espírito coletivo”, o “caráter de um povo” – parece gerar uma outra condição intermediária entre o particular e o geral. Expliquemos: se a narrativa etiológica e teleológica desse modelo, por um lado, recapitula vida e obra de cada autor, individualmente, bem como traços de sua obra, por outro lado, estes são pensados como representantes da coletividade, por ela moldados com a qual contribuem. Assim, essa linha evolutiva deveria ser apropriada por seus conterrâneos a fim de que possam compreender a si mesmos.

É nesse contexto histórico, intelectual e metodológico, que Teófilo Braga (1843–1924), professor, pesquisador e político nascido em Ponta Delgada e falecido em Lisboa (Moisés, 2013, p. 276; Lopes; Saraiva, 1996, p. 807.), ai ser considerado, por muitos, o consolidador da historiografia literária em Portugal. Alguns elementos orientam essa reflexão: primeiro, Braga deixou uma série de pressupostos teóricos sobre a metodologia de interpretação literária, a “Teoria da História da Literatura Portuguesa”, fruto de sua tese para a cátedra universitária de Coimbra; segundo, encampou um projeto de cobrir toda a história da literatura portuguesa até então e, por fim, impactou significativamente a interpretação da literatura portuguesa posterior.³

Voltando às considerações de Acízelo de Souza, ele destaca que tal abordagem esteve ausente em séculos anteriores ao século XIX, tendo apenas “antecedentes” nos séculos XVII e XVIII. Nos Setecentos, por exemplo, o gênero “biblioteca” foi praticado, numa espécie de enciclopédia de autores e obras com breves apreciações de seu estilo e suas produções. Por fim, ainda segundo o estudioso (Souza, 2015, p. 12), as biografias também desempenhavam um papel relevante nesse período pré-historicismo nos estudos literários. Em relação às biografias, sabemos que elas, em

3 Note-se, por exemplo, sua opção por, em relação ao Brasil, considerar como portugueses apenas os autores anteriores à proclamação de sua independência, algo que passou a ser seguido já por Camilo Castelo Branco, não muito tempo depois.

grande medida, se conectam à tradição clássica, especificamente no gênero das *vitae*.⁴ Essas *vitae*, em grande medida, configuram um gênero discursivo específico, amplamente codificado e que, embora devesse traduzir um compromisso com fontes materiais e testemunhais de pesquisa, não tinha como única função mencionar o que supostamente haveria ocorrido em determinado recorte temporal, sincrônico ou diacrônico, mas permitir a extração de ensinamentos para a vida.

Assim, a proposta deste artigo é discutir que, a despeito da (inegavelmente útil) esquematização entre tais formas de conceber a historiografia literária, essas fronteiras são muito mais permeáveis do que se poderia imaginar, mesmo ao se eleger como objeto de análise alguém historicamente indicado como sumo representante de uma dessas vertentes. Não por acaso, Teófilo Braga também escreveu uma biografia camonianiana, profundamente conectada às práticas da Antiguidade e, posteriormente, retomadas no século XVII em Portugal. Essa biografia foi publicada em 1873 e, depois, reeditada como parte do segundo volume de *História da literatura portuguesa: renascença*. Nesse sentido, é curioso recordar que, apesar de sua relevância, a reputação de Braga não escapou às críticas, que, embebidas da postura científica do século XIX, viam suas interpretações como pouco criteriosas em termos de confiabilidade das fontes ou de sua verificabilidade.⁵ Defendemos, pois, que esses traços podem ser entendidos não só como uma herança romântica mas como uma retomada das concepções greco-latinas de formação e exemplaridade por meio do registro de

4 Cumpre mencionar aqui a influência de obras como o perdido tratado de Aristóteles *Sobre os Poetas* e os trabalhos de Suetônio e de Plutarco, a partir do gênero *De Viris Illustribus* (BORGHI, 2024, p. 25).

5 Para os opositores, o estudioso seria “controverso”, “trabalhador incansável, mas sem tempo para verdadeiras reflexões críticas”, “favorável a personalidades históricas que mais lhe agradam”, ou ainda como excessivamente etnocêntrico. Cf. LOPES; SARAIVA, 1996, p. 806; MOISÉS, 2013, p. 276.

vitae e da herança clássica e, mormente, ciceroniana, aspecto pouco estudado no pensamento do autor (Souza, 2015, p. 14).

Para Cícero, no *De oratore* (II), a história é *magistra vitae*, a mestra da vida, o guia moral de orientação de uma sociedade:

Nem há nada que deva ser dito com elegância e severidade, que não seja próprio do orador. É seu dever, quando dá conselhos sobre os mais importantes assuntos, dar sua opinião com autoridade. É seu dever, tanto animar o povo inerte, quanto moderar os desenfreados. Com a mesma faculdade são os crimes dos homens chamados à punição e a integridade de outros à salvação. Quem pode exortar os homens à virtude mais brilhantemente; quem pode chamá-los para longe do vício mais energicamente; quem pode reprovar os improbos mais asperamente; quem pode louvar os virtuosos mais elegantemente; quem pode quebrar, na acusação, o desejo com mais veemência? Quem pode amenizar a dor mais gentilmente quando consola? E quanto à história, a testemunha dos tempos, a luz da verdade, a vida de memória, a mestra da vida, a mensageira do passado, com que voz, a não ser a do orador, será confiada à imortalidade? (*De Or*, II, 34-36)⁶

A historiografia, enfim, deve instruir (*docere*), dar prazer (*delectare*) e mobilizar (*mouere*). Assim, ela congrega também os três gêneros sistematizados na *Rhetorica ad Herenium*: o *iudicialis* (judicial, isto é, voltado para julgar o passado), o *deliberativum* (deliberativo, isto é, voltado para decisões futuras) e, sobretudo, o

6 Neque ulla non propria oratoris res est, quae quidem ornata dici graviterque debet. Huius est in dando consilio de maximis rebus cum dignitate explicata sententia; eiusdem et languentis populi incitatio et effrenati moderatio eadem facultate et fraus hominum ad perniciem et integritas ad salutem vocatur. Quis cohortari ad virtutem ardentius, quis a vitiis acrius revocare, quis vituperare improbos asperius, quis laudare bonos ornatus, quis cupiditatem vehementius frangere accusando potest? Quis maerorem levare mitius consolando? Historia vero testis temporum, lux veritatis, vita memoriae, magistra vitae, nuntia vetustatis, qua voce alia nisi oratoris immortalitati commendatur? (Tradução de Anderson Araújo de Martins Esteves, 2013, p. 87)

demonstratiuum (demonstrativo, isto é, voltado para julgar valores).⁷ Para que tudo isso ocorra, conforme lemos antes, a História ideal supera as fronteiras entre ela e a retórica, devendo ser escrita por um profundo conhecedor tanto da matéria tratada quanto da *ars dicendi* apropriada a ela, consoante Teixeira (2008, p. 559). É necessário, pois, não apenas não “mentir”, mas saber gerar o efeito de verdade vivaz que só pode atingir o público pela *historia ornata* (Teixeira, 2008, p. 561) conduzida por um orador capaz de criar perfis e guiar afetos.⁸

Nesse sentido, publicar a *História de Camões* é um ato pedagógico-social pela perspectiva ciceroniana, pois o texto de Teófilo Braga reforça o pacto social dos valores e instrui sobre os caminhos a serem seguidos e/ou retomados, refazendo a conexão com aquele que é, para ele, o glorioso e injustamente apagado Luís de Camões. Vejamos, pois, como Braga retoma a ideia de ornamentação do discurso histórico para fins pedagógicos, produzindo uma narrativa envolvente. Para isso, entretanto, é necessário discutir

7 Cf. [CICERUS]. *Rhet. Her.* III, 10-11: *Demonstratiuum est, quod tribuitur in aliquius certae personae laudem uel uituperationem. Deliberatum est in consultatione, quod habet in se suasonem et dissuasonem, Iudiciale est, quod positum est in controuersia et quod habet accusationem aut petitionem cum defensione.* (Demonstrativo é aquele que se emprega no elogio ou vitupério de uma pessoa determinada. O deliberativo diz respeito à discussão, que inclui aconselhar o desaconselhar. O judiciário é aquele que diz respeito à controvérsia legal e comporta acusação pública ou reclamação em juízo de defesa. Tradução de Adriana Seabra e Ana Paula Celestino Faria, 2025, p. 5).

8 Nas palavras de Anderson Esteves (2013, p. 88): “[...] a fidelidade do historiador é devida antes à *ratio* ou às *causae* dos eventos passados do que a estes mesmos, isoladamente considerados. Como se as *res gestae*, por si só, transcritas e elencadas objetivamente, não dessem conta de mostrar ao leitor o que realmente aconteceu”. Em acréscimo, Teixeira (2008, p. 557) afirma que “Para os latinos, a produção de uma lição de *virtus* pelo ouvinte ou leitor do relato histórico era o ponto crucial. Daí a relevância atribuída à questão do tratamento retórico da *expositio rerum gestarum*: se não houver a atualização de efeitos persuasivos junto a leitores e ouvintes, o relato será incapaz de fornecer lições adequadas”. Ou ainda: “Como observa Charles Fornara, o verbo latino *ornare* ‘significa algo mais que adornar superficialmente, decorar, embelezar. [...] *Ornare* em si mesmo é tomar um fato e, a partir dele, montar uma cena, desenvolvendo suas potencialidades latentes’” (FORNARA, 1983, p. 136, apud TEIXEIRA, 2008, p. 559).

um ponto intermediário de recepção entre a *historia ornata* latina e o período de nosso autor: o século XVII.

Vida de Camões: uma prática do século XVII reverberando no século XIX?

Como já declarou a pesquisadora Sheila Hue (2018, p. 31), em sua edição dos sonetos de Camões para a Editora da Unicamp, é necessário interpretar as biografias de Camões como um gênero literário que reproduz padrões vinculados à fidelidade não só ao conjunto de situações descritas, mas também, sobretudo à elaboração de um perfil, ou de um *éthos*. Naturalmente, sendo esse um gênero tão profundamente atrelado ao Seiscentos, desperta a curiosidade o surgimento de mais um exemplar, mas no século XIX.⁹ Partamos, então, da fundamental contribuição de Márcia de Arruda Franco, que, pela editora Madamu, em 2024, quatro biografias camonianas escritas nos Seiscentos, pela Península Ibérica, cujos parâmetros podem relevar que a biografia escrita por Teófilo Braga não só recupera traços fundamentais de modelos anteriores, ibéricos e greco-latinos, mas também congrega elementos profundamente específicos ao seu momento histórico.

João Adolfo Hansen (1989, p. 13-69, apud Franco, 2024, p. 9), por exemplo, filia as narrativas do século XVIII sobre vidas relevantes ao padrão retórico latino que expusemos em nossa introdução. Como também expusemos, a prática evoca diretamente o gênero das *vitae*, a categoria específica pertencente ao gênero demonstrativo. Nesse sentido, esse gênero deve ser pensado, inclusive, por uma perspectiva social e coletiva, voltado para formação

9 Importa lembrar, aqui, que esse movimento de reconstrução da suposta trajetória camoniana, no século XIX, marca também a obra de Camilo Castelo Branco, em suas *Notas biográficas sobre Camões*. Há que se destacar, todavia, que, já no título do texto de Camilo, não há a pretensão de compor uma “vida”, como Teófilo Braga o fez, no sentido antigo de uma narrativa coesa e de potencial moralizante qual os modelos da Antiguidade.

social, não como um estudo profundo da singularidade do “biografado”, para a qual importaria narrar sua infância, sua formação e suas peculiaridades psicológicas, como sói ocorrer em produções do século XX em diante (Franco, 2024, p. 10).

Recorrendo, agora, ao texto de Márcia Arruda Franco (2024, p. 11-12), sabemos que o movimento de vidas camonianas, nesse período, almejava a consolidação e propagação da União Ibérica (1580 – 1640) para o resto do mundo letrado conhecido. Destarte, a promoção da vida e da obra, como um todo, daquele que concebera *Os Lusíadas* opera como uma exaltação da potência artística, cultural e política desse momento bastante singular. De fato, de quatro importantes testemunhos supérstites, nenhum o define como o grande nome da poesia portuguesa, em oposição à Espanha: lembremos, pois, que Severim de Faria exalta o idioma luso, mas considera Camões o grande nome da épica hispânica, e Manuel de Faria e Souza escreve em castelhano seu encomiástico relato sobre o poeta (Franco, 2024, p. 11-12).

Outro aspecto central comentado pela pesquisadora é que tais vidas vinham acompanhadas de gravuras: “Os retratos de gravuristas seiscentistas são **estátuas erguidas** para celebrarem a imortalidade do autor ao ilustrarem os livros de e sobre as suas obras. Muitas vezes são colados nas páginas e fáceis de serem destacados” (Franco, 2024, p. 13, grifos nossos). Essas narrativas verbais e visuais argumentam de forma aristotélica ao redor do *éthos*, ou seja, da “[...] impressão de o orador ser digno de fé [...]. É, porém, necessário que esta confiança seja resultado do discurso e não de uma opinião prévia sobre o caráter do orador [...]” (Aristóteles. *Rh.* 1356a).¹⁰ Mais do que isso, o comentário da pesquisadora acerca da elaboração desse perfil se alinha com as prerrogativas do gênero demonstrativo, o qual trabalha mormente com a amplificação, ou seja, “[...] uma forma de argumentação pautada

10 Tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse e Abel do Nascimento Pena, 2015, p. 63.

na **elevação da nobreza** de algo ou alguém, ou no destaque dos vícios de algo ou alguém [...]” (Teixeira, 2008, p. 564, grifos nossos).

Ora, se o demonstrativo se apoia na *amplificatio*, não é de se surpreender que ele possibilitesse o surgimento de abordagens diametralmente opostas. Isso se observa já nas vidas camonianas do século XVII, uma vez que havia também uma vertente de vitupério na elaboração do retrato camoniano, como o caso de Pedro de Maris, por exemplo, que, embora não lhe negue excelência poética, aponta que sua vida era viciosa com a mesma intensidade com a qual sua épica foi grandiosa.¹¹ A oposição entre esses dois “eixos interpretativos” é relativamente simples de ser assim sistematizada: para os demais autores do século XVII, a pátria traiu Camões, abandonando seu maior poeta; para Maris, Camões traiu a pátria, ao ter recebido, por exemplo, cargos administrativos que teriam sido conduzidos de forma perdulária, além dos supostos vícios no âmbito moral que o teriam levado a contrair as “doenças de Vênus”.

Como se sabe, o gênero demonstrativo reforça pactos entre produtor e consumidor: recorrendo a Cícero, mais uma vez, agora, no *De partitione oratoria* (XXI, 72), lemos que o demonstrativo “[...] não estabelece proposições que são duvidosas; ao contrário, ele **amplifica** o que é certo, ou tido por certo” (Cícero, *Part. or. Apud* Teixeira, 2008, p. 563, grifos nossos). O “tido por certo” que nos interessa é assim sistematizado por Yolanda García (1985, p. 12 *apud* Borghi, 2024, p. 25) acerca do perfil seiscentista ideal: i) a

11 Ainda sobre divergências, lembremos que João Franco Barreto tentara, em 1663, um movimento sem maiores reverberações de tratar o poeta como exclusivamente português (FRANCO, 2024, p. 23). Historicamente, consoante Borghi (2024, p. 52-53), sabe-se que, justamente, a poesia épica foi mais lida, estudada e traduzida do que a lírica, também com base na dificuldade das edições e publicações completas, bem como do critério de tripla atribuição. Como também nos lembra Borghi (2024, p. 55), a priorização da épica em relação aos outros gêneros também remete à hierarquização da poética de Aristóteles. Logo, far-se-ia, consoante a essa lógica, a formação de um retrato de vida apropriadamente épico para sua devida exaltação.

descrição da estirpe e origem familiar; ii) a representação da infância e da juventude; iii) o levantamento das obras e a descrição do seu momento de execução iv); a apresentação do éthos, indicando as virtudes, os atributos físicos e as relações privadas com homens de destaque; e v) a indicação de *causa mortis*, bem como o levantamento dos comentários posteriores e da reverberação da obra em outros espaços letrados.¹²

Malgrado a distância de dois séculos, a leitura dos critérios de Teófilo Braga para compor sua “Vida de Camões” mostra que, por trás da terminologia positivista inerentes ao narrar cientificizado do século XIX, essas tradicionais categorias retóricas seguem operando. Com efeito, segundo ele: “As altas individualidades só podem ser conhecidas e julgadas pelos recursos da crítica psicológica; observou Maudsley na *Patologia do espírito*: ‘para ter uma psicologia completa do indivíduo, é indispensável estudar as circunstâncias no meio das quais ela viveu e ao contacto das quais se desenvolveu, bem como observar seus hábitos de pensamento, de sensação e de ação’” (Braga, 1984, p. 288). Ora, comparando esses padrões com o texto de Teófilo Braga, notamos que, enquanto parte deles segue atuante, outra foi profundamente transformada.

Em primeiro lugar, nosso autor é um promotor da ideia de Camões como símbolo máximo da nação e da cultura portuguesas. Em segundo lugar, talvez, o aspecto mais relevante, Teófilo Braga afirma querer destruir o mito do monumento inalcançável e resgatar o humano da figura de Luís de Camões. Mesmo que, consoante a citação anterior, ele empregue termos como “alta” e “individualidade”, demonstraremos o movimento de aproximação ao povo português. Discutiremos detidamente, então, como o não se filiar totalmente a uma postura exaltadora ou iconoclasta

12 Cf. HANSEN (1989, p. 23 apud FRANCO, 2024, p. 23). O referido autor menciona que os fatores fundamentais seriam as origens, sua pátria, sua cidade, seus pais, seus familiares, seus hábitos etc.

– ou seja, operar demonstrativamente com um binômio virtude-vício – produz um paradoxo, no qual, para recuperar o respeito devido a uma imagem elevada, parece ser necessário despi-la de sua grandeza. Como veremos, nosso autor encontrará, então, no sentimento, ou, na terminologia de Aristóteles, no *páthos*, o mecanismo ideal para retratar a humanidade e o nacionalismo camonianos.

O Camões de Teófilo Braga e a biografia literária em um contexto de crise: sobre *páthos*, humanização e recepção

Como dissemos, antes da publicação de seu relato sobre a vida do autor lusitano dentro do projeto de história da literatura portuguesa, Braga havia dado o livro à luz individualmente (Dória, 1980, p. 8). Com efeito, a primeira publicação parece conectada ao chamado “culto camoniano”, que, como nos lembra Álvaro Dória (1980, p. 9), é um fenômeno do século XIX, iniciado pela publicação do poema de Garret, que o aborda como uma espécie de herói protorromântico. Para Márcia Franco (2024, p. 50), “[...] é o Romantismo que constrói Camões como poeta de Portugal”, e Braga, em grande medida, segue essa abordagem. Ainda segundo o crítico (Dória, 1980, p. 10), em 1873, pois, num contexto de proximidade do terceiro centenário da morte do poeta e 48 anos depois da publicação da obra garrettiana, um movimento político e social coordenado pelo historiógrafo se iniciará. É importante destacar, nesse sentido, que a *História de Camões* será publicada em meio à polêmica jornalística ao redor do artigo “O centenário de Camões em 1880”, no qual se propunha um conjunto de celebrações recuperando a imagem do poeta e, analogamente, do próprio país. Nesse contexto do poeta como espelho nacional, o fato de a grandeza camoniana vir sendo reconhecida por outros

países imputa aos lusitanos uma noção de ingratidão e, sobretudo, de atraso perante o mundo.¹³

De certa maneira, Braga parece recuperar a também tópica discursividade da “pátria ingrata”, seguida por alguns dos biógrafos comentados na seção anterior. Destarte, os portugueses do século XIX, para ele, reincidem na falha do passado, mas com o agravante de que, nesse momento, o erro já fora documentado e deveria servir de orientação. A pátria e seu povo se conectariam, assim, por intermédio da figura de Luís de Camões, e reencontrar sua figura seria um dever para com o poeta, para com o próprio povo e, por conseguinte, para com o reerguimento do país, (re) alinhado “finalmente” a suas virtudes fundamentais. Essa biografia, quando realocada em *História da literatura portuguesa: renascença*, vem acompanhada de um prefácio que demonstra a plena adequação de Braga aos ideais oitocentistas da historiografia literária: “A história literária, como revelação do génio de um povo, no seu poder de **emotividade** e de aspiração generosa, pela expressão do **sentimento** da nacionalidade, é um aspecto que complementa a História social e política” (Braga, 1984, p. 10, grifos nossos).¹⁴ Quanto à biografia, antes de aparecer, agora, com o nome de “Vida do poeta” (Braga, 1984, p. 288), lê-se a seção “Camões e o sentimento nacional” (Braga, 1984, p. 286), outrora publicada em 1891, evidenciando, novamente, seu intento. Por fim, no encerramento dela, Teófilo chega a secundarizar as outras virtudes do autor, em detrimento de seu comprometimento pátrio: “A vida de Camões é um drama doloroso, e todas essas emoções íntimas vibram nos seus versos; mas, a **sentimentalidade**

13 Um exemplo simples, mas significativo, está em um fato apontado por Pedro Serra, no *Dicionário de Camões* (2011), no qual se lê que, na abertura do século XIX, o poeta quinhentista começou a receber atenção de acadêmicos ingleses e franceses, inclusive com traduções das obras. Na própria Espanha, em 1872, comemoraram-se os trezentos anos da publicação de *Os Lusíadas*, inclusive com a tradução de cantos para a língua castelhana.

14 Nas transcrições de passagens de Teófilo Braga, optou-se por preservar a grafia da variante escolhida pelo autor.

da raça, o **etos** [sic] **lusó**, dá-lhes ressonância tornando-o a viva expressão da alma nacional” (Braga, 1984, p. 354, grifos nossos). Ademais, sua obra, espelho do criador, teria sido inspirada “[...] de todos os elementos poéticos que constituem a tradição de uma nacionalidade” (Braga, 1984, p. 287).

Braga hipervaloriza a capacidade de Camões de não ter apenas um éthos singular de virtudes morais e poéticas que o coloque em posição de privilégio (algo tradicional para as *vitae*), mas o exorta por ser uma encarnação do *wolksgeist* lusitano. Essas virtudes, pois, que Camões soberbamente representaria algo que estaria presente em todos os portugueses. Nesse ponto, portanto, a historiografia social e a historiografia literária convergem, para Teófilo Braga: perderam-se virtudes, perdeu-se Camões, símbolo máximo destas. Segundo ele (Braga, 1984, p. 287), se essas duas formas de documentar a História fossem devidamente interligadas, Portugal não se veria acuada, no século XIX, pelas ambições imperialistas da Inglaterra. Não só os grandes poetas representariam, destarte, a grandiosidade de sua terra, mas também o reconhecimento deles da parte do povo atestaria um tempo social fecundo cultural, política e economicamente: seriam, em suma, variáveis diretamente proporcionais. Camões é, pois, a sublimação do sentimento, seja amoroso, seja pátrio.

Notemos algumas associações: seu serviço militar na África é o momento em que percebe, pela primeira vez, a decadência portuguesa, ao mesmo tempo que ele se vê privado de um dos olhos (Braga, 1984, p. 317). Mais, enquanto ele está distante, passando, por exemplo, pelas agruras de dois naufrágios, um de seus bens, outro de seu próprio navio, no rio Mekong (1559) – do qual se salvou a nado trazendo o “canto molhado” de *Os Lusíadas* – Portugal, sem ele, também está em franca decadência, causada, entre outros fatores, pelos rumos da Grande Peste (Braga, 1984, p. 343). O mais evidente, contudo, está no concomitante adoecimento e morte do poeta, tratado como diretamente ligado à decadência de sua pátria: “Foi durante esses dois anos que Camões adoeceu;

a ruína do carácter português e perda quase iminente da nacionalidade feriram-no mortalmente” (Braga, 1984, p. 349). Por fim, Braga ainda recupera uma suposta carta de Camões, à beira da morte vitimado pela peste lisboeta, na qual estaria escrito D. Francisco de Almeida, alcaide da cidade: “Enfim, acabarei a vida, e verão todos que fui tão afeiçoadão à minha pátria, que não só me contentei de morrer n’ella, mas com ella” (Braga, 1984, p. 350).

Notemos, pois, a similaridade e, por que não, a intertextualidade. Para Braga, Portugal é, como no século XVI, um país em crise, no sentido mais etimológico e arendtiano da palavra. *Crysis* é uma palavra grega, cujo emprego em contexto político foi analisado pela autora alemã Hannah Arendt, tida como “a pensadora das crises” (Ciochetti; Ultramari, 2022, p. 261). Para a escritora, embora as crises sempre tenham existido, elas têm uma conexão especial com a modernidade, tendo em vista tratar-se de um período no qual as respostas anteriores deixaram de servir, gerando, justamente, uma ruptura com a verdade comum. É lapidar o quanto o projeto de Teófilo Braga em relação a Camões adequa-se à concepção de Arendt, pois a perda de um passado comum, de verdades universais (ou de um grande mito literário), teria gerado, em seu entender, a cisão da cultura da sociedade portuguesa, anunciada, desde os anos quinhentos, pela paulatina ingratidão para com ele, algo a ser revertido pelo historiógrafo.

Ainda no tocante à relação Braga-Arendt, cumpre destacar que, como bem observam Ciochetti e Ultramari (2022, p. 263), “crise” não é termo semanticamente negativo para a pensadora. A crise só se torna problemática quando aqueles que com ela lidam (ou a diagnosticam) insistem em se servir dos mesmos expedientes para solucioná-la. À primeira vista, Teófilo Braga parece ir em direção oposta ao que Arendt defende, afinal, sua intenção é tornar a insistir em uma mitologia teoricamente esquecida e que já fora uma das bases do início do movimento romântico. Todavia, a escrita de uma nova biografia para Camões revelou mecanismos bastante singulares para lidar com a suposta crise de imagem e

de memória, trazendo uma história antiga com uma nova arquitetura e novos efeitos, em correlação com a nacionalidade.

Em primeiro lugar, como nos lembra Álvaro Dória (1980, p.10), a obra de Camões, particularmente *Os Lusíadas*, foi eventualmente utilizada como “refúgio patriótico”, isto é, como recuperação da autoimagem nacional, após o período da Guerra de Restauração. Porém, justamente nesse aspecto, reside um dos maiores pontos de interesse da biografia produzida por Teófilo Braga: o questionamento, no século XIX, de que pouquíssimos portugueses tinham condições de ler a lírica camoniana, quem dirá sua épica solene. Destarte, Braga operou um hábil artifício retórico ao propor a retomada do gênero biográfico fecundo no século XVII como resposta aos críticos contemporâneos (Doria, 1980, p. 15), que lhe apontavam exatamente isso como um impedimento para seu projeto de culto ao poeta. Assim, dá-se uma espécie de conversão da obra no autor, tornando sua biografia, de muito mais acessível decifração, o centro dos olhares do público.

Em segundo lugar, deve-se observar que Braga afirma que trará *um novo Camões*, não por possuir documentos inéditos, mas por reinterpretar humanamente o que todos sabiam. Destarte, as *vitae* portuguesas e camonianas costumam pleitear a reparação de uma injustiça histórica: também Severim de Faria, dois séculos antes, ao defender que se faça justiça a Camões, colocando sua biografia em circulação, pois “o que dele anda impresso é tão pouco, & diminuto, que não satisfaz em muita parte com o que todos pretendem saber de semelhantes varões; como é a qualidade, vida costumes [...] sem as quais fica muito imperfeita a notícia que se requere na história de um homem insigne” (Faria, 2024, p. 94). Notem-se, em suma, as lacunas ligadas ao poeta e à dificuldade de acesso a ele, seja materialmente, no século XVII, seja interpretativamente, no século XIX. Em todo caso, era necessário reabilitar Camões. Nesse ponto, podemos recorrer à observação de Gustavo Borghi (2024, p. 31) de que o entendimento de Severim de Faria era o de que a simplicidade de linguagem era um

elemento importante na escrita de sua vida camoniana, algo que nos convida a pensar que esse gênero teria, nos séculos XVII e XIX, uma função de facilitação de acesso aos valores de um determinado autor cuja grandeza vocabular poderia dotá-lo de uma estatura aparentemente inexpugnável.

Ademais, ao analisar as *Vidas de Camões* produzidas por Severim de Faria e por Faria e Souza, com base no modelo vassariano, a pesquisadora Márcia Franco (2024, p. 44) levanta uma observação de grande pertinência: nelas, os artistas eleitos são também, de certa forma, “eleitos” por uma força quase divina que lhes concede a concentração de virtudes que se manifestava separadamente em diversos artistas. Essa é, talvez, a maneira mais sucinta de elucidar como se constrói a mitologia da superioridade poética: a sensação de totalidade. Ao reunir em si os talentos e os recursos adquiridos (“engenho e arte”) que se encontravam dispersos em meio aos demais poetas, Camões se eleva como mito indisputável.

É, pois, a questão sentimental que rege o elemento primordial do fazer biográfico de Teófilo sobre Camões. Já expusemos que, sobretudo quando a intenção é estabelecer a encarnação do “sentimento nacional”, Camões foi a totalidade inquestionável para Teófilo Braga. Ora, a totalidade pode ser entendida como algo que congregue contradições e aspectos pouco positivos, historicamente hipervalorizados ou silenciados quando se discutiu a vida do poeta. Assim, Braga gera uma imagem mista, contraditória para o éthos do maior vate português, algo que, para uma finalidade de humanização e aproximação, ambiciona construir em seu público leitor português um senso de potencialidade criativa, dadas, de um lado, a grandeza de suas obras e, de outro, as humanas e, principalmente, sentimentais imperfeições.

Sua forma de humanizar Camões assemelha-se não só ao poema de Almeida Garret, mas também à metodologia do romance histórico de Alexandre Herculano, por exemplo. No prefácio de *Eurico, o presbítero* (1844), o autor – bastante crítico aos métodos

de Braga, segundo este – afirma que um romance histórico à Walter Scott seria impossível acerca da época goda, de maneira que precisava da imaginação e do sentimento, mas apenas para preencher as lacunas entre os documentos históricos, eles mesmos incapazes de explorar o testemunho humano real. Ademais, no caso de Camões, a escassez documental é amplamente sabida.¹⁵

Em grande medida, o que se quer é equivaler *lógos*, *pát̄hos* e *éthos*, compreendê-los como gerados e geradores dos outros, de maneira que, retoricamente, o discurso seja coerente com as ações. O que fica subentendido, ao longo das páginas de Braga, é que é possível reconstituir sua vida por meio de fragmentos de seus textos, que o tornariam uma espécie de base autobiográfica; mais do que isso, o historiógrafo parece mesmo sugerir que seu trabalho pode suprir a histórica lacuna, por ele mesmo narrada, da coletânea de poemas de Camões, *Parnaso*, roubada ao regressar a Lisboa. Consoante ele, sem qualquer outra indicação de fonte, esse pequeno volume conteria os poemas selecionados por Camões e seguidos de explicações autobiográficas sobre sua gênese e elementos culturais de além-mar por ele mencionados (Braga, 1984, p. 344). Em última análise, sua *Vida de Camões* parece fazer o mesmo, contemporaneamente.

Nesse sentido, o sentimento é a força motriz que percorre, igualmente, as obras e a vida de Camões, portanto, é ele que o fez grande e, ao mesmo tempo, humano, ou ainda, grandioso e próximo ao povo português. O poeta aparece como vítima de seu tempo, pois, malgrado sua natureza inclinada ao intenso sentir, foi a gradativa corrupção de seu tempo que o levou a suas falhas e aos ódios irracionais alheios. O Camões de Braga habilmente espelha a teorização aristotélica sobre os afetos: “As emoções são

15 Os documentos efetivos raramente vão além do seu nascimento entre 1524 e 1525, sua prisão no Tronco, em Lisboa, por ter brigado em dia de *corpus Christi*, o perdão real posterior de D. João III, em 1553, o tempo passado na Índia, a tença recebida a partir de 1572 com *Os Lusíadas* e, posteriormente, entregue à mãe etc. Cf. HUE, 2018, p. 10.

as causas que fazem alterar os seres humanos e introduzem mudanças nos seus juízos, na medida em que elas comportam dor e prazer” (Aristóteles, *Rh.*, 1378^a).¹⁶ Seus vícios seriam mais consequências de um tempo em que valores se perderam, do que de uma natureza inherentemente falha. Ilustremos com as palavras de Braga para se referir ao já célebre confronto no *corpus Christi*: “Conhecida a valentia de Camões, suscitada pelos costumes do tempo, estas intrigas provocaram-no para um acto de perdição” (Braga, 1984, p. 320).

Sobejam exemplos na *Vida de Camões* desse procedimento interpretativo, muitas vezes, apoiado em supostas pistas fornecidas por suas obras: o autor narra que “[...] vinha Camões para a corte com um estado de espírito que qualquer galanteio o seduzia” (Braga, 1873, p. 125) em relação a uma suposta passagem pela corte do Infante Dom Luís e de Dona Maria; ou ainda, conta que, ao regressar da Índia para Lisboa, “[...] encontrou acesos antigos ódios”, mas com uma cicatriz de guerra no olho perfurado que o teria deixado exposto ao galanteio das moças (Braga, 1984, p. 181). Em outros casos, Teófilo Braga vai além, alegando perseguições sem quaisquer indicativos históricos ou mesmo poéticos: “Antes de partir para expedição de África, nomeou D. Sebastião um poeta para celebrar-lhe os seus feitos, sendo preferido Diogo Bernardes, e afastado o nome de Camões por essas influências odientes” (Braga, 1984, p. 348).

A interpretação da centralidade do sentimento vem, em grande medida, explicada pelo próprio Teófilo Braga, o qual alega, citando José Augusto Coelho e seu *Lusismo na concepção estética*, que nas “naturezas superiores”, a cultura estética supre a moral, contendo os impulsos de destruição, e que é o lirismo subjetivo aquele mais amado pelo lusitano, pois enquadra a emoção pura, na qual, justamente, Camões tanto teria se destacado, ainda de

16 Tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse e Abel do Nascimento Pena, 2015, p. 116.

acordo com o historiógrafo (Braga, 1984, p. 355-356). Em suma, é o páthos artisticamente elaborado que faz Camões ser mais um português e, simultaneamente, o mais profundo deles. Nesse sentido, ele traduziria não só a excelência, mas também, humanamente, a fragilidade que disso adviria. Camões seria oposição a uma sociedade lusitana supostamente em crise que, no tocante aos afetos, recusou os elevados e entregou-se aos baixos. Por fim, Braga afirma que “não havia outro caminho senão abandonar esta sociedade pervertida, que conspirava para lhe escurecer o talento e derribá-lo; a ideia da viagem do Oriente tornou-se-lhe uma necessidade, desde que o pensamento dos *Lusíadas* iluminara os longos dias desconfortados da prisão do Tronco da Cidade” (Braga, 1984, p. 321). Se, para ele, a épica foi uma resposta ao imediatismo e à mediocridade de seu povo, o desafio é, pois, reconhecer se os leitores do século XIX reincidiram na mesma falha. Utilizando dessa “vida de amarguras”, enfim, como um recurso patético para demonstrar e julgar o passado, ao mesmo tempo que pode deliberar um futuro que não o repita e se reconecte aos afetos e à grandeza do seu poeta maior, cujo caráter e os sentimentos – mais acessíveis que suas palavras, isoladamente – estariam em cada português, a historiografia segue, pois, mais *magistra vitae* do que nunca.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Poética*. Edição Bilingue. Tradução, introdução e notas de Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2017.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2015.
- BORGHI, Gustavo. Coordenadas gerais do gênero *vida* no mundo antigo. In: FRANCO, Márcia de Arruda (org.) *Vidas de Camões no XVII*: escritas por Pedro de Maris, Manuel Severim de Faria, Manuel de Farias e Souza & João Franco Barreto. Edição, introdução, tradução e notas de Márcia Arruda Franco. São Paulo: Madamu, 2024, p. 24-29.
- BORGHI, Gustavo. Cruzando *la raya*: coordenadas para a recepção de Camões na Espanha (séculos XVI e XVII). In: FRANCO, Márcia de Arruda (org.) *Vidas de Camões no XVII*: escritas por Pedro de Maris, Manuel Severim de Faria, Manuel de Farias e Souza & João Franco Barreto. Edição, introdução, tradução e notas de Márcia Arruda Franco. São Paulo: Madamu, 2024, p. 51-56.
- BRAGA, Teófilo. *História da literatura portuguesa - Renascença*. Prefácio de João Palma-Ferreira. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1984. v. 2.
- BRAGA, Teófilo. *História de Camões*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1873.
- CICERO. *De oratore*. Leipzig: Teubner Verlagsgesellschaft, 1969.
- [CÍCERO]. *Retórica a Herénio*. Edição Bilingue. Introdução, tradução e notas de Adriana Seabra e Ana Paula Celestino Faria. São Paulo: Mnema, 2024.
- DORIA, Álvaro. *Teófilo Braga: biógrafo de Camões*. Braga: [S. n.], 1980.
- ESTEVES, Anderson de Araújo Martins. Cícero e a narrativa da história. *PHOÍNIX*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 77-90, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/phoinix/article/view/34612>. Acesso em: 23 ago. 2025.

FARIA, Manuel Severim de. *Vida de Luís de Camões*. In: FRANCO, Márcia de Arruda (org.) *Vidas de Camões no XVII: escritas por Pedro de Maris, Manuel Severim de Faria, Manuel de Farias e Souza & João Franco Barreto*. Edição, introdução, tradução e notas de Márcia Arruda Franco. São Paulo: Madamu, 2024, p. 93-168.

FRANCO, Márcia de Arruda (org.) *Vidas de Camões no XVII: escritas por Pedro de Maris, Manuel Severim de Faria, Manuel de Farias e Souza & João Franco Barreto*. Edição, introdução, tradução e notas de Márcia Arruda Franco. São Paulo: Madamu, 2024.

HUE, Sheila. Introdução. In: CAMÕES, Luís de. *20 sonetos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2018. p. 7-42.

LOPES, Oscar; SARAIVA, António. José. *História da literatura portuguesa*. 17. ed., corrigida e actualizada. Porto: Porto Editora, 1996.

MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*. 37. ed., revista e atualizada. 1^a reimpr. São Paulo: Cultrix, 2013.

SERRA, Pedro. Recepção de Camões na literatura espanhola. In: SILVA, Vítor Aguiar. *Dicionário de Luís de Camões*. São Paulo: Leya, 2011, p. 772-793.

SOUZA, Roberto Acízelo de. As histórias literárias portuguesas e a emancipação da literatura do Brasil. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 10, n. 19, p. 131-144, 2º sem. 2006. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/scripta/article/view/13943>. Acesso em: 23 ago. 2025.

SOUZA, Roberto Acízelo de. Nota preliminar sobre as origens e os desdobramentos da historiografia da literatura portuguesa. *Diádorim*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 17, p. 12-19, Julho 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2015.v17n1a4041>. Acesso em: 23 ago. 2025.

TEIXEIRA, Felipe Charbel. Uma construção de fatos e palavras: Cícero e a concepção retórica da História. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 24, n. 40, p. 551-568, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-87752008000200014>. Acesso em: 23 ago. 2025.

da História. *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 24, nº 40: p.551-568, jul/dez 2008.

ULTRAMARI, Nicholas Yoshizato; CIOCHETTI, Vitor Miranda. (2022). Pensar as crises com Hannah Arendt: um exercício de pensamento sobre educação, política e pandemia . *Primeiros Escritos*, 11(1), 261-271.

Ethos and pathos in Portuguese literary historiography: the biography of Camões by Teófilo Braga in the light of the concepts of *historia ornata* and *magistra vitae*

ABSTRACT: This article investigates the influence of classical rhetoric on Teófilo Braga's biography of Camões. We demonstrate that this scholar, the "plenitude of nineteenth-century historiography", that is, fully integrated with the historicist principles of the nineteenth century, shows also a conceptual and methodological influence of ancient rhetoric. Braga thus expresses fundamental rhetorical-historiographical perspectives for Aristotle's *Rhetoric*, Cicero's *The Orator*, and *Rhetic to Haerennius*. Whether in the initial publication to celebrate the third centenary of Camões' death or in its reinsertion in *História da Literatura Portuguesa, Volume II, Renascence*, his criteria directly echo the principles of *magistra vitae* and *historia ornata*, that is, historiography as a moral and social guide that, to really work, would require ornamentation. We argue that these principles reached Teófilo Braga through the intermediation of the 17th century in Portugal, which largely witnessed the ancient genre of *vitae*. Despite 19th-century terminology, Braga would present a Camonian *vita* shaped by the principles of classical rhetoric and historiography, developing an inspiring and accessible profile to rescue the Portuguese people who were supposedly distant from their identity. Furthermore, we will point out two singularities of this version in relation to the 17th-century practice: the association of the poet with nationality and a process of humanization of his figure, instead of the construction of an unattainable monument. This humanization would be based on a logic that is also central to classical rhetoric, but which Braga aligns with a supposed general Portuguese *ethos*, sublimated by the poet: the use of *pathos* for *commouere*.

KEYWORDS: rhetoric; receptions; literary historiography; Camões; Teófilo Braga.